

## **Quarto operador móvel entra no mercado só daqui a um ano e meio**

O ministro das Telecomunicações e Tecnologias de Informação e Comunicação revela, em entrevista ao Expansão, que a quarta operadora de telefonia móvel poderá entrar no mercado só daqui a um ano e meio e a terceira não avançou por falta de capacidade financeira da Angola Telecom.

## **Com a entrada em funcionamento do Angosat1 estava prevista a entrada no mercado do quarto operador móvel. Essa meta mantém-se ou o satélite não teria nenhuma influência na entrada ou não no mercado do quarto operador?**

Não há nenhuma relação entre as duas questões. O Angosat1 é uma infraestruturas que o Estado está a construir, porque um dos grandes desafios que temos é reconstruir o País e uma das áreas que mais foi afectada é a das comunicações electrónicas.

## **O quarto operador móvel entra no mercado ainda este ano?**

A entrada no mercado vem dar resposta a uma orientação do titular do Poder Executivo, para criarmos um ambiente de concorrência no sector. Estamos a fazê-lo desde Novembro de 2017, quando fizemos o anúncio público da abertura do sector. Já cumprimos a etapa do anúncio, da entrega das candidaturas, em que houve uma grande intenção da entrega de candidaturas, quer de nacionais quer estrangeiras, cumprimos também a etapa da venda de cadernos de encargos e concluímos recentemente a etapa da entrega efectiva das candidaturas.

## **Quantas candidaturas foram apresentadas?**

Vamos ter um momento próprio para fazer este anúncio, temos de respeitar os marcos do processo. As empresas que forem seleccionadas serão convidadas a apresentar os seus projectos técnicos e outros que o concurso exige e terão dois meses para o fazer. Depois haverá uma fase de avaliação, negociação com o eventual vencedor até à emissão da sua licença, o que pode ocorrer até ao terceiro trimestre de 2018.

## **As empresas que actuam no sector reclamam sobretudo da falta de infraestruturas. Até ao terceiro trimestre de 2018 existirão infraestruturas suficientes para a entrada no mercado de mais um operador?**

As infra-estruturas devem ser construídas pelos privados, mas também há aqui um esforço do Estado. Nós estamos, de facto, a abrir o sector para que haja mais concorrência. Esperamos que a nova operadora, não só partilhe as infraestruturas que estão disponíveis, mas também possa ajudar na criação e expansão de mais infraestruturas.

**Qual é o horizonte temporal para que os angolanos possam usufruir de serviços de telecomunicações de qualidade e mais baratos?**

Vamos ter maior concorrência com a entrada do novo operador, mas é importante também não criarmos falsas expectativas. Isto é um processo. O novo operador não vai levar menos de 18 meses para se implantar efectivamente no mercado, é uma tarefa que não é fácil. Tem de comprar infraestruturas, tem de implantar a rede, há uma série de trabalhos técnicos que terá de realizar. Temos também de continuar a promover a partilha de infraestruturas, que é um processo de educação que temos levado a cabo junto das operadoras, até porque o ambiente económico demonstra que, se as empresas partilharem os riscos, todas ganham.

**O fracasso do Angosat1 provocará algum atraso no Programa Nacional Espacial?**

Não provoca nenhum atraso. O Angosat1 é apenas uma peça. O Angosat1 deriva da necessidade de o País contar com comunicações rápidas em todos os pontos do território nacional, meta que ainda não cumprimos, apesar do grande volume de investimento que o Estado já fez na rede e do volume do investimento que as operadoras privadas também estão a fazer. Portanto, precisamos continuar a construir infraestruturas. É por este motivo que estamos a construir um cabo submarino até aos Estados Unidos. Tudo isto para cobrirmos o nosso País com infraestruturas para poderem suportar os serviços de telecomunicações.

**Além da construção de infraestruturas, o que é que prevê o Programa Nacional Espacial?**

Prevê também a formação. Temos de formar os angolanos nos mais diferentes níveis e estamos a fazê-lo. Já temos angolanos formados ao nível académico, como doutores e mestres. Neste momento, temos três doutores e 12 mestres e vamos aproveitar esta renegociação do Angosat1 para formar mais mestres.

**Em que etapa se encontra o processo de privatização de 45% da Angola Telecom?**

Estamos a preparar as condições de avaliação para saber quanto valem os 45% da Angola Telecom e, neste aspecto, estamos bastante avançados. Tão logo fechemos este processo, lançaremos o concurso público para a privatização dos 45% da Angola Telecom, que já detém uma licença global. Se a Angola Telecom tivesse capacidade financeira, estaria a lançar a terceira operadora móvel.

**Disse que a Angola Telecom está num processo de avaliação para se determinar quanto valem os 45% da empresa. A Angola Telecom existe há 26 anos, até hoje não se sabe quanto vale?**

Nós estamos a avaliar. Não havia nenhuma avaliação. O processo da privatização impõe uma avaliação. Só vamos poder vender aquilo que sabemos qual é o seu real valor.

**Recentemente, esteve no Huambo para inaugurar mais um ponto de acesso livre de Internet. Qual é a avaliação que faz desde o início da instalação destes pontos?**

Temos estado a ter de volta respostas positivas em relação a este nosso programa. Nós projectamos suportar no projecto Angosat1 a inclusão digital, por essa razão é que estamos a desenvolver com as operadoras este programa de acesso livre à internet. Temos pontos de acesso livre à internet no Bengo, em Cabinda, Malange, Ndalatando, no Huambo e em Benguela.

**Há muitas reclamações de pessoas que dizem que estes pontos, depois de inaugurados, são praticamente abandonados e ficam sem sinal ou com o sinal muito fraco....**

Estamos a fazer uma análise destes pontos para manter a estabilidade da rede. O nosso objectivo é cobrirmos, nesta primeira fase, todas as capitais com três a quatro pontos de internet. Nos pontos que já analisámos, não recebemos reclamações. Abrimos, inclusive, uma espécie de uma via verde, em que damos possibilidade de a população ligar para nós quando registam eventuais problemas na rede e rapidamente damos solução ao problema, de modo a manter a estabilidade da rede.

**O que é que falhou exactamente no Angosat 1, quando antes do lançamento o ministro garantiu que o processo cumpriu**

## **todas as etapas e o País entraria na era espacial para não mais sair?**

É importante verificarmos a complexidade destes fenómenos. Nós estamos a entrar para uma área da ciência muito complexa...

## **Compreendo, mas porque é que o senhor ministro só começou a fazer este tipo de discurso depois da falha registada no satélite?**

Estas situações acontecem. É só olharmos um pouco para a história dos voos espaciais. O que estou a dizer é, que em relação ao Angosat1, o que aconteceu é aquilo que nós prevíamos e que já tem acontecido noutras ocasiões. Mas as partes técnicas continuam a estudar o problema.

## **Ainda há possibilidade de recuperar o satélite?**

Apesar de as hipóteses de recuperação serem remotas, ainda existem. Temos de deixar as nossas equipas estudarem o problema. É complexo, vai exigir que as equipas continuem a estudar. São várias equipas a trabalhar na solução.

## **A que equipas é que se refere exactamente? De angolanos ou russos?**

São várias equipas. Só para dar uma ideia, a carga útil, que nós consideramos ser o coração do satélite, foi construída pela Airbus e os sistemas informáticos foram fornecidos pela Talis, que são empresas líderes mundiais nesta área da ciência. A Energia construiu os painéis solares e as fontes de alimentação. Portanto, os nossos técnicos e todas as empresas envolvidas continuam a trabalhar para detectar as reais causas do problema do satélite e para fazer eventuais correcções. Porque é que, durante o processo de concepção, não se comunicou aos angolanos que havia esta probabilidade de ocorrer falhas.

## **Terá havido alguma falha de comunicação?**

Nós estamos a entrar numa área da ciência em que temos de estar preparados porque momentos destes vamos viver muitos. O mérito deste processo está na forma como os contratos são estabelecidos. A ideia com que os angolanos ficaram é que só se começou a falar do seguro depois de serem detectadas falhas.

**Porque é que só nesta fase é que o ministro começou a falar da complexidade do processo, de eventuais falhas e do seguro que tinha sido feito para acautelar anomalias?**

Não é verdade. Os seguros foram previstos em 2005. O nosso negociador previu isto e imputou esta responsabilidade ao construtor. Pior seria se não tivéssemos acautelado o seguro.

**Quanto custou o seguro do Angosat1?**

É importante realçar que não foi o Governo angolano que fez o seguro, foi o construtor. Fez o seguro do próprio satélite, o seguro do veículo que transportou até à base de lançamento e da base até à rampa de lançamento. Para o transporte do satélite em órbita também foi feito outro seguro. Por isso é que a cobertura do seguro vai nos permitir construir o Angosat2.

**Com a falha do Angosat1 quais as acções que o Ministério vai desenvolver daqui para diante? Vai virar as atenções para o cabo submarino?**

Não. Assim como o Angosat1, o cabo submarino faz parte do conjunto de infraestruturas que o País está a construir de maneira transversal. Como já fiz referência, começámos a construir o Angosat2, já começamos a usufruir das compensações fruto do problema que tivemos com o Angosat1.

**A inoperância do Angosat1 compromete o Programa Espacial Nacional?**

Não. O Programa Espacial Nacional impõe acções no âmbito da meteorologia, apoio às outras áreas de desenvolvimento do País, como agricultura, pesca e a indústria. Estamos a perspectivar um País daqui a 30 anos, que já não será o mesmo, porque terá mais conhecimento científico e com outro nível de desenvolvimento.